

Sobre o ofício do professor: educação e cidadania

Flavia Bruno¹

Resumo: O presente artigo pretende mostrar como a educação, desde as suas origens, está relacionada com a formação do homem e como o professor deve, em seu ofício, reafirmar este compromisso, uma vez que é por meio da educação que recebe que o homem forma suas crenças, seus valores, suas formas de pensar, e a partir daí estabelece suas relações com os outros indivíduos.

Palavras-chave: Educação, Cidadania, Professor.

Abstract: This paper aims to show how education, since its origins, is related to the formation of man and how the teacher must reaffirm this commitment in his work, once it is through education man receives that he develops his beliefs, his values, his ways of thinking and, consequence, he establishes his dealings with other individuals.

Keywords: Education, Citizenship, Professor.

“Da vida humana a duração é um ponto; a substância, fluida; a sensação, apagada; a composição de todo corpo, putrescível; a alma, inquieta; a sorte, imprevisível; a fama, incerta. Em suma, tudo o que é do corpo é um rio. O que é da alma, sonho e névoa. A vida, uma guerra, um desterro; a fama, póstuma, olvido. O que, pois pode nos servir de guia? Só e única a Filosofia”. Marco Aurélio, Meditações.

A educação, desde as suas origens, desde seu nascimento grego está intimamente ligada com a cidadania, com a formação do homem e é dever de todos os educadores em seu dia a dia, em seu ofício, a reafirmação desse compromisso. Mais do que simplesmente um meio de formação técnica, de

¹ Doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Adjunta da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro e Professora Adjunta da Universidade Candido Mendes – Centro. E-mail: profabruno@gmail.com; fbruno@candidomendes.edu.br

formação profissional (embora seja evidente que ela tenha esse papel), a educação é um meio de formação de indivíduos, indivíduos que agem e vivem em uma coletividade.

É a partir da educação que recebem que os indivíduos formam suas crenças, seus valores, suas formas de pensar, compreendem o seu lugar no mundo, e a partir daí estabelecem suas relações com os outros indivíduos. Um professor possui um ofício muito singular. Primeiro, porque trabalha com pessoas, e mais do que isso, ajuda a formar essas pessoas. Segundo, porque o produto de sua tarefa não é um objeto como, por exemplo, um anel é o objeto que deriva do trabalho de um ourives, mas o produto do seu trabalho é a própria sociedade em que vivemos. No final das contas, nós somos produtos daquilo mesmo que produzimos. Então, mesmo que queiramos dizer “eu não tenho nada com a vida desse aluno”, ou “a vida deste aluno não me diz respeito”, não podemos fazê-lo, pois na verdade a vida de cada aluno nos afeta diretamente, porque o que resultará da formação que pudermos oferecer a ele, é o que constituirá a sociedade em que vivemos. O mundo em que vivemos e em que as nossas gerações futuras viverão será o resultado do que homens forem capazes de construir a partir da herança educacional que tiverem.

Se formos remontar ao que há de mais antigo na história da educação no ocidente, veremos que este ofício, o ofício de ensinar surge na Grécia do século V a.C., em particular com um grupo de pensadores chamados sofistas.² Os sofistas são os primeiros a professarem essa prática: alguém ensina, alguém tem algo a dizer e alguém aprende, alguém ouve o que foi dito. Foram os sofistas também os primeiros a fazerem dessa prática uma profissão, já que cobravam por este ensino. Platão, inclusive, ironiza a prática dessa cobrança pelo ensino em seu diálogo *Crátilo*³ quando Sócrates lamenta não ter podido ouvir a aula do sofista Pródico que custava cinqüenta dracmas, tendo que se contentar apenas com a aula de uma dracma, razão pela qual não se encontra em condições de discorrer sobre a questão dos nomes. Em outra referência à

² A esse respeito consultar Guthrie, W. K. C. Os Sofistas.

³ Platão. *Crátilo*, 384 b.

cobrança dos sofistas, Platão diz que Protágoras sozinho ganhou mais dinheiro do que Fídias e outros dez escultores juntos.⁴

E porque que é na Grécia do século V a.C. que surge a figura do professor? O que acontece nesse momento histórico para que surja este ofício? A resposta é o aparecimento da sociedade jurídico-política, da sociedade democrática⁵. É exatamente quando surge o Estado antigo, a famosa *polis* grega (a cidade-estado), quando os homens ganham a condição de cidadão, isto é, homens pertencentes a uma *polis* que por ela são responsáveis, que surge a figura do professor. A *polis* em seu sentido clássico designava “um estado que se governava a si mesmo”⁶. Logo, serão os próprios cidadãos os responsáveis pelo governo da cidade, pela condução da vida grega em todos os seus aspectos.

É porque é com a democracia que ocorre a extensão da cidadania a todo homem livre, ou seja, a igualização da condição de cidadão a todos. Todos os cidadãos terão efetivamente a possibilidade de participação do exercício do poder, o que implica que todos deverão estar devidamente preparados para essa tarefa. Como se dará essa preparação? Através da educação.

Jacqueline de Romilly⁷ nos ensina que a educação clássica grega abarcava três classes de professores: o pedótribo, ou seja, o professor de ginástica, o treinador esportivo. As crianças treinavam salto, corrida, lançamento de dardos, de disco, algumas formas de luta, era a conhecida educação física. A necessidade deste ensino se fundava na idéia de que a perfeição do corpo, sua força, sua graça, eram partes notáveis do ideal humano; o citarista, isto é, o mestre da música. Com ele as crianças aprendiam a cantar e a dançar, quase sempre em coro. Esta era uma das nobres atividades da sociedade aristocrática. O estudo musical dava o sentido da disciplina e da harmonia, com todos os prolongamentos morais que daí pode ter; o gramático, isto é, o mestre que ensinava a ler e a escrever a obra dos poetas. Os alunos copiavam trechos e

⁴ Platão. *Mênon*, 91 d.

⁵ A esse respeito consultar Vernant, Jean Pierre. *As origens do Pensamento grego*.

⁶ Finley, Mosés. *Os gregos antigos*, p. 47.

⁷ Romilly, Jacqueline. *Les Grands sophistes dans l’Athènes de Péricles*, p. 51-53.

aprendiam outros de cor. Este conhecimento dos poetas era a iniciação à sabedoria, à experiência moral e política, ao conhecimento dos seres e do mundo.

Mas quando surge a sociedade jurídico-política, o Estado torna-se a questão comum que envolve todos os cidadãos. As relações entre os homens deixam de ser meramente de natureza privada (o que pertence a cada indivíduo propriamente, em sua singularidade, em sua diferença, em seu interesse próprio – *to idion*) e passam a ser de natureza pública (o que é comum e igualmente repartido entre os membros da coletividade, o interesse comum – *to koinon*). E é aí que surge a necessidade de formação do homem grego. Quando surge o estado grego, quando se inventa a democracia, a educação grega deixa de ser a recitação da poesia Homérica, e abre-se espaço para o ensino dos sofistas, uma vez que a educação tradicional à base de ginástica, música e rítmica resultava ineficiente para os anseios do mundo democrático.

Os sofistas não ensinam esporte e música, mas armam os jovens para o sucesso político e este repousa não sobre a força e a coragem, mas sobre o uso arguto da inteligência. O ensino que eles dispensavam era prático e devia ser eficaz como uma técnica profissional, uma técnica para os cidadãos. Os sofistas foram os primeiros mestres profissionais da Grécia, e seus ensinamentos tinham um cunho prático, aplicável à atividade política. Ir estudar com um sofista era equivalente a entrar em uma escola que preparava para a vida pública. Protágoras define seu ofício ao dizer que ensina a arte da política e faz dos homens bons cidadãos⁸.

Como os sofistas exerceram seu ofício? Eles não abriram escolas, mas foram professores itinerantes, indo de cidade em cidade arrebanhando alunos e seguidores. Os sofistas faziam exposições, denominadas *epideixis* que eram uma espécie de conferência que poderia versar sobre um tema cuidadosamente preparado ou ser apenas um brilhante improviso sobre qualquer assunto proposto. Tais exposições poderiam ser públicas (como as que eram feitas na ágora) ou privadas (reservadas a um grupo de alunos pagantes).

⁸ Platão. Protágoras, 319 a.

Devemos compreender que “foi a partir das necessidades mais profundas da vida do Estado que nasceu a idéia de educação, a qual reconheceu no saber a nova e poderosa força espiritual para a formação de homens e a pôs a serviço dessa tarefa”.⁹ A atividade sofisticada é especialmente dirigida à formação da juventude tendo em vista o êxito na política. O desenvolvimento da vida democrática exige que os cidadãos e, sobretudo os que almejam chegar ao poder possuam uma perfeita habilidade da palavra. Inclusive, com os sofistas entre em cena o homem, no lugar do mundo, da *physis*. Saem de cena os físicos, os primeiros filósofos, e entram em cena os educadores. Antifonte diz: “a coisa mais importante para o homem, é, um imagino, a educação”.

Os sofistas chamam a atenção para o homem e as coisas humanas. Daí Reale dizer que com eles se inaugura o período humanista da filosofia grega.¹⁰ Ou seja, o predomínio do problema antropológico surge como consequência do crescente desenvolvimento democrático das cidades gregas depois das guerras persas.

Até os sofistas o problema físico é o único que se põe. Este deslocamento de ponto de vista se deve a causas políticas: é o triunfo da democracia ateniense, onde o papel da eloquência ganha um lugar preponderante. Nesse momento histórico, a formação do homem político demandava uma solução urgente. O exercício do poder era a ocupação fundamental do cidadão grego e ele precisava mostrar-se capaz e mesmo superior aos demais para ocupar os cargos públicos e as demais posições ofertadas pelo modelo democrático.

Na filosofia pré-socrática o homem faz parte do cosmos. Ao explicar todas as coisas também explicavam o homem, mas explicava-o como coisa ao lado da outra, isto é, como objeto e não como sujeito. Não se atribuía a ele lugar privilegiado. Aliás, a condição para que surja a filosofia moral era que fosse determinada a essência ou natureza do homem. Só assim se pode precisar a

⁹ Jaeger, Werner. *Paidéia – a formação do homem grego*, p. 337.

¹⁰ Reale, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*, Volume I, p. 192.

areté humana, isto é, a excelência, que é o que permite realizar a natureza humana, o que faz o homem ser plena e perfeitamente homem.

Desde o início o conceito de *areté* esteve estritamente vinculado à questão educativa e posteriormente o pensamento terá que se orientar para saber qual o caminho que a educação teria que seguir para alcançar a *areté*.¹¹

Mas os sofistas colocam seu ensino a serviço do novo ideal da *areté* política, equipando o espírito do cidadão para a carreira de homem de estado, formando a personalidade do futuro dirigente da cidade.¹² Por isso, eles se convertem em educadores. Eles se dirigem a quem quiser adquirir a superioridade necessária para obter o triunfo da vida pública, a vitória na *ágora* grega, sobretudo para aqueles que desejam formar-se para a política e ambicionam tornarem-se dirigentes do Estado. Contra a pretensão da nobreza que sustentava ser a virtude uma prerrogativa de nascimento e de sangue, os sofistas pretendem fazer valer o princípio segundo o qual todos podem adquirir a *areté*, e este não se funda sobre a nobreza de sangue, mas sim sobre o saber.

A arte dos sofistas supunha uma diversidade prodigiosa de conhecimentos. Um perfeito sofista precisava ser capaz de falar sobre qualquer assunto, de modo que era preciso ter um saber que hoje chamaríamos de enciclopédico. Essa versatilidade universal, esse saber extensivo a todas as especialidades técnicas em grego chamava-se *polimatia*.¹³

Apesar de disporem de um saber extensivo, os sofistas se destacaram, sobretudo pelo ensino da arte retórica.¹⁴ Esta se define como a arte da persuasão, como a arte de falar com brilho e eloquência. No mundo democrático grego cada cidadão se convertia em um orador que deveria pronunciar discursos convincentes e oportunos. Na sociedade jurídico-política para triunfar nas assembléias públicas e nos tribunais era preciso ser dotado do talento oratório, devia-se ser capaz de usar a palavra da forma mais eloquente e

¹¹ Jaeger, Werner. *Opus Citatum*, p. 335.

¹² Marrou, Henri-Iréné. *Histoire de l'éducation dans l'antiquité*, p. 83.

¹³ Marrou, Henri-Iréné. *Opus Citatum*, p. 92.

¹⁴ A invenção da Retórica é atribuída aos Sicilianos Córax e Tísias, no século V a.C.

convincente possível. Inclusive, os gregos inventaram um verbo especial: *gorgiazein*, que significa falar como um verdadeiro Górgias.¹⁵

Antes da instauração da democracia na Grécia as decisões eram tomadas em segredo pela aristocracia. As famílias nobres deliberavam e depois anunciavam ao público a decisão tomada para o conjunto da coletividade. Mas no regime democrático a palavra dominará a cidade. A arte da palavra, o brilho da oratória e o manejo da dialética na discussão adquirem grande importância. E é este desenvolvimento específico da palavra que acarretará o nascimento da retórica ou da arte do *logos*.

O que caracteriza a polis é uma extraordinária preeminência da palavra sobre todos os outros instrumentos de poder. A palavra é o instrumento político por excelência, o meio de comando e domínio sobre o outro, o caminho para a solução dos conflitos, além do método para produção da verdade.¹⁶ Portanto, na Atenas democrática do século V a. C. a palavra se torna rainha, se impõe como elemento primordial do mundo democrático e quem tiver o seu domínio, dominará também a cidade. Por isso que Górgias afirma que a arte da fala sagaz era tudo o que ele ensinava e tudo o que um jovem ambicioso precisava aprender. Era a arte do senhor, pois um homem com o dom da persuasão tinha sob seu poder todos os outros peritos.¹⁷

Todas as questões de interesse geral são submetidas à arte oratória e deverão resolver-se na conclusão de um debate. Com isto a retórica se converte em uma formidável arma política e jurídica, que assegura os êxitos mais brilhantes a quem sabe se servir dela em praça pública ou ante os jurados.

Após os sofistas, serão os primeiros filósofos gregos que darão prosseguimento ao ofício da educação. Sócrates, Platão e Aristóteles são os primeiros filósofos que pensarão os problemas próprios do mundo democrático. O

¹⁵ Górgias foi talvez o sofista mais famoso que o mundo conheceu. Górgias nasceu em Leontino por volta de 480 a.C. e se notabilizou nas panegírias (festas que congregavam gregos vindos de todos os lados), foi mestre de Péricles. Sua audiência e celebridade foram imensas na Grécia a ponto de uma estátua de ouro maciço lhe ter sido dedicada em Olímpia.

¹⁶ Lembremos que o primeiro método que a filosofia dispõe é a dialética zenoniana, criada em 460 a.C. Este método consiste em um jogo de perguntas e respostas que tinha dentre outros objetivos, a produção do conhecimento.

¹⁷ Platão. Górgias, 452 e.

que esses filósofos compreenderam? Eles compreenderam que o homem é capaz de pensar a si mesmo. “O homem pode edificar por si mesmo e por seus próprios meios a sua humanidade”¹⁸. O homem, através da atividade racional, da atividade do *logos*, pode e deve ordenar os elementos da vida política, o que implica um cuidado de si e um cuidado com a cidade. Não é a toa que os gregos inventaram uma disciplina dirigida especificamente para o agir humano: a ética. A ética é a disciplina que tem como propósito ensinar ao homem o seu *ethos*, ou seja, o seu lugar, o seu comportamento no mundo e frente às coisas do mundo.

Mas os pensadores gregos também sabem que lhes incumbe o dever e o direito de instruir a juventude, de formar os homens para a vida pública. Porque os homens são responsáveis pelas leis que a cidade promulgar, pelos meios de condenação ou de reparação de uma injustiça que a cidade estabelecer, pelas práticas comerciais, pelas estratégias militares, pelas formas de governo, enfim, os homens devem cuidar de todos os aspectos da vida comum, e devem fazer isso da melhor maneira para que a cidade possa ser um lugar adequado para se viver.

Platão consciente desse problema escreveu um livro chamado *A República*, onde pensou o que seria a cidade ideal. Toda a sua filosofia, toda a sua teoria se encontra a serviço de pensar a cidade, de promover uma cidade justa, onde a idéia de bem seja o grande sol desta cidade. O bem aqui não reside na utilidade e no interesse particular de cada um, mas consiste no proveito de todos. Segundo Platão, o homem agindo pelo interesse comum ganha a própria felicidade que reside na consciência de agir de acordo com a justiça, no domínio de si mesmo e dos próprios impulsos.

O que pode fazer com que um homem haja assim e outro não? O que faz essa diferença? A educação. Só a educação pode ser uma medida eficaz para entender a vida e se tornar mais forte e mais potente diante dela.

Se os sofistas pretendiam formar os jovens para a vida política, Platão quis fazer isso os dotando de um saber bem superior àquele que os sofistas podiam fornecer-lhes, de um saber que, de um lado, será fundado em um

¹⁸ Spinelli, Miguel. *Questões fundamentais da Filosofia Grega*, p. 14.

método racional rigoroso e de outro, segundo a concepção socrática, será inseparável do amor do bem e da transformação interior do homem. Ele não quer somente formar hábeis políticos, mas homens. Para realizar sua intenção política Platão deve fazer um imenso desvio, isto é, criar uma comunidade intelectual e espiritual que será encarregada de formar, levando o tempo necessário, os novos homens e por isso funda a sua escola, a Academia. Aliás, muitos alunos da academia desempenharam efetivamente um papel político em diferentes cidades, seja como conselheiros de soberanos, seja como legisladores, seja ainda como opositores da tirania.

Na sua alegoria da caverna¹⁹ Platão diz que os que são destituídos de saber podem ser comparados a prisioneiros numa caverna. Estão acorrentados, não podem se virar e só podem olhar numa direção, tendo atrás a luz do fogo e na frente uma parede em branco. Entre eles e a parede não existe nada, de modo que eles vêem apenas as suas próprias sombras e a dos objetos projetados na parede pela luz do fogo. Inevitavelmente, como não podem mais ver nada, consideram tais sombras como reais, consideram que as sombras são os objetos reais.

Em um dado momento, alguém consegue fugir da caverna e vai em direção à luz do sol e pela primeira vez vê as coisas reais, percebendo que até então fora enganado por sombras. Este que escapou considera seu dever com seus companheiros de prisão descer à caverna e ensinar o que aprendeu, isto é, que o mundo deles é apenas um mundo de sombras. Mas, como viu a luz do sol, a sua visão ficou arrebatada com aquele brilho e agora é mais difícil perceber as sombras. Ele tenta mostrar aos outros o caminho da luz, mas os que estão na sombra consideram-no mais tolo do que antes.

Educar, portanto, é fazer um convite para sair da caverna e das limitações que nos cercam e vislumbrar novas possibilidades. Mas mais ainda, educar é um apelo para olhar em outra direção, é um impulso que nos leva a pensar, a verdadeira conquista da nossa existência. Platão no *Crátilo*²⁰ nos ensina

¹⁹ Platão. *A república*, Livro VII.

²⁰ Platão. *Cratyle*, 411d e 412b.

que os gregos denominavam *noesis* o pensamento, que equivale a *neou hesis*, desejo de novidade. Ou seja, a educação nos ensina o exercício de pensar que é, inevitavelmente, provocativo e transformador.

Voltando à alegoria de Platão, aquele que viu a luz do sol e volta à caverna para guiar seus companheiros, ao fazê-lo se defronta com a hostilidade dos demais. Esta hostilidade é própria do modo como são recebidos os que se dedicam ao estudo frente aos homens que vivem no senso comum. O desprezo, a resistência, a antipatia com a sabedoria é mais um obstáculo que os amantes do saber enfrentam. Ou seja, todo aquele que experimenta um ganho espiritual se torna distinto dos demais. Daí Foucault dizer que pensar é um ato perigoso.²¹

Pois bem, a *Paidéia*, a educação grega, é a própria formação do homem grego. A educação é o que forma os sujeitos, ou dizendo melhor, é o que forma as subjetividades, os modos de conduta e ação do homem. O que quero dizer com isso? Quero dizer que um estado, uma nação, um povo, é produto de sua formação cultural, de sua educação, os que os gregos chamavam de *Paidéia*.

Há uma idéia comum do professor como um regurgitador de conteúdos, de dogmas, de verdades. É aquela idéia que o coloca no lugar do sujeito suposto saber. Mas antes de qualquer matéria intelectual, antes da transmissão de conteúdos, cabe ao professor o descortino das infinitas possibilidades do pensamento. Cabe ao professor ensinar ao aluno que o estudo é antes de tudo não uma forma de se aprisionar em verdades, em dogmas, mas sim uma forma de liberdade. Ensinar é antes de tudo uma forma de liberdade.

Um professor não é alguém comprometido apenas com a sua disciplina, comprometido apenas com os conteúdos que leciona. Um professor deve oferecer alternativas para o entendimento da vida comum, do mundo social, porque não há nenhuma outra forma de crescer senão por meio do estudo. Estudar é a única saída real não só para o entendimento de como as idéias se produzem, de como o mundo funciona, mas, sobretudo a única saída para a transformação desse mundo. Nesse sentido, se voltamos aos gregos é porque

²¹ Foucault, Michel. As palavras e as coisas, p. 344.

esse retorno nos esclarece o que somos, é uma contribuição para o conhecimento do homem, uma reflexão lúcida sobre as questões de nossa civilização.

Ao estudar, o homem dedica-se ao conhecimento de si mesmo, de seus limites e de suas possibilidades. Sem a educação, sem a sabedoria estaríamos fadados a sermos escravos dos nossos medos e das nossas impulsões. E não é por outra razão senão por essa que o exercício de pensar resulta inevitavelmente provocativo e transformador. Ele nos faz sair do lugar que estamos e promove o conhecimento, a inquietação, a diferença, a transformação, a liberdade.

Como nos ensina Spinelli,

“se queremos nos qualificar como humanos temos necessidade de fazer bom uso de nossa razão, mas não só um uso técnico ou estratégico, a serviço de algum ofício ou da administração de nossas impulsões, ou de nossas riquezas, ou (como é o caso de muitos) da pobreza. Se queremos fazer bom uso de nosso intelecto devemos aplicá-lo no que mais importa, na busca do maior de todos os bens, a sabedoria: educação da razão e qualificação do humano”²².

Entretanto, com esse esforço necessariamente nos tornamos distintos dos demais, pois não há como fazer o pensamento funcionar sem que haja provocação, deslocamento. Educação é ação, é movimento de lugar, é alteração de postura, é construção do novo. Construir novas possibilidades, edificar novos caminhos, eis a tarefa do educador. Devemos, em nosso ofício, estar ciente que não há educação se o *logos* nada edifica, se ele é infértil.²³

A prioridade do professor consiste em estimular a educação da razão e do discernimento, levar o aluno a se voltar sobre si mesmo e a se responsabilizar pelo presente, em benefício de si mesmo e da sociedade em que está inserido.

Não basta somente se instruir, ou seja, acomodar conteúdos na inteligência perante o estabelecido. É forçoso exercitar a inteligência e por meio dela poder ser também crítico e inventivo. A inteligência só é educadora na medida em que se faz ativa (criadora e produtora) e não passiva diante de um saber.

²² Spinelli, Miguel. *Opus Citatum*, p. 15.

²³ *Ibidem*, p. 16.

Portanto, estudar é caminho para alguém ser não apenas mais culto ou inteligente, mas também mais livre²⁴. Mais do que se ganha em compreensão, conhecimento de si e dos outros por intermédio dos conceitos, da história, das grandes doutrinas, é preciso saber que a educação pode simplesmente nos ajudar a viver melhor e de forma mais livre. Lembro aqui o romance *O conde de Monte Cristo* de Alexandre Dumas. Nesta história, um prisioneiro, Edmond Dantes, injusta e ardilosamente é condenado à prisão perpétua no castelo de If. Lá, após alguns anos de solidão, encontra um velho padre que, com o auxílio de uma colher, conseguiu cavar um túnel e chegou até sua cela. O padre, vendo que não conseguiu encontrar a saída, propõe ao jovem prisioneiro que o ajude a cavar, para que possam finalmente escapar. Como a princípio Edmond não se mostra muito entusiasmado, o padre oferece a ele, pela ajuda em seu projeto, todo ensino do conhecimento que possui. No primeiro momento, o prisioneiro que é analfabeto não consegue perceber o valor que isso terá. Mas depois de conseguir a liberdade com a fuga da prisão e o enriquecimento com o tesouro encontrado, ele conclui que já havia conseguido a liberdade do espírito com as lições que o padre lhe ensinou.

Nós, professores, temos a imensa responsabilidade de formar a juventude, temos a responsabilidade de construir suas subjetividades, de desenvolver seus valores, suas idéias e mesmo seus desejos e perspectivas. E por isso, cito um grande escritor argentino, Ernesto Sabato, que disse uma vez: “a educação é o bem menos material que existe, mas o mais decisivo para o futuro de um povo, já que é a sua fortaleza espiritual”.²⁵

A característica essencial da juventude é a paixão. É o poder de ser afetado pelas coisas, dessas coisas tomarem a sua existência de forma tão absoluta que isso passa a ser o caminho da sua vida, como, por exemplo, nos mostra o belo filme do Walter Salles sobre Che Guevara²⁶. É ali, no arroubo da juventude, que vemos despertados os afetos que mais tarde se desdobrarão no

²⁴ Ferri, Luc. *Aprender a viver – Filosofia para os novos tempos*, p. 16.

²⁵ Sabato, Ernesto. *Quando abunda el peligro, crece lo que salva*. Conferência proferida na Universidade Candido Mendes em 2002.

²⁶ *Diários de Motocicleta*. Direção: Walter Salles.

líder, no guerrilheiro, no revolucionário que se tornou e na referência emblemática da juventude. Formar jovens, ajudá-los a desenvolver suas potências, despertar suas paixões, apresentar-lhes novas possibilidades, esse é o ofício do educador.

Então, nossa tarefa como professores e educadores é também a de fazer cada aluno colher e armazenar condições não só para o seu futuro profissional, mas para o futuro existencial de cada um. E antes de tudo devemos estar ciosos das conseqüências oriundas deste saber que produzimos e reproduzimos. Porque como bem nos alerta Platão em seu diálogo *Protágoras*, se comermos uma maçã podre, podemos a seguir nos recuperar dessa indigestão. Mas quando não se trata de alimentos para o corpo e sim para a alma, a alma os leva consigo para toda a vida²⁷.

Para ser professor é preciso ter uma certa disposição do espírito. Parodiando Stella Adler, não se deve dar aulas quando não se é capaz de dar aos alunos algo que os torne melhor. Não se deve sequer pensar em escolher essa profissão, a menos que se possa criar algo maior e melhor. Porque não adianta se colocar diante dos alunos e ficar tagarelado.²⁸

É por isso que uma aula tem sempre que extrapolar a intenção daquele que a prepara. A intenção do professor é uma coisa humana, falível, cheia de imperfeições, mas em uma aula tem que haver mais do que foi preparado ou do que foi dito. Quando assistimos a uma aula não é preciso apenas que esteja presente um conteúdo. É preciso que a vida intelectual esteja presente, é preciso que a atividade de pensar, a propriedade de interrogar, de se surpreender, de produzir perplexidade também estejam ali presentes. Estudar é sempre um convite a esse ímpeto vital, à descortinação de novos mundos, de novas experiências, de uma nova vida mesmo.

Escolher esse ofício significa que não somos meros repetidores de discursos historicamente consagrados, mas que, antes de tudo, somos os responsáveis pela produção do conhecimento, pela criação das idéias e mesmo dos ideais que atravessarão o futuro. Significa que multiplicamos as possibilidades

²⁷ Platão. *Protágoras*, 313-314.

²⁸ Adler, Stella. *Sobre Ibsen, Strindberg e Chekhov*, p. 19.

que existe em cada aluno como ser humano para que ele possa entender o seu lugar no mundo melhor do que anteriormente entendia e para fazer com que ele vença os medos que eventualmente poderiam paralisar a sua vida. Só assim ele pode começar a caminhar, a se arriscar a seguir a diante, protegido pela couraça do saber, iluminado pela clareza do pensamento, impulsionado pela força da criação.

Referências Bibliográficas

ADLER, Stella. *Sobre Ibsen, Strindberg e Chekhov*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

DUMAS, Alexandre. *O conde de Monte Cristo*. São Paulo: Editora Scipione, 2002.
DIÁRIOS DE MOTOCICLETA. Direção: Walter Salles. Produção: Michael Nozik, Edgard Tenenbaum e Karen Tenkhoff Roteiro: Jose Rivera, baseado nos livros de Che Guevara e Alberto Granado. Intérpretes: Gael García Bernal, Susana Lanteri, Mía Maestro, Jean Pierre Noten e Rodrigo de la Serna (128 min), son., Color., 35 mm.

FERRI, Luc. *Aprender a viver*. Filosofia para os novos tempos. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007.

FINLEY, Mosés. *Os gregos antigos*. Lisboa: Edições 70, 2002.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

GUTHRIE, W. K. C. *Os sofistas*. São Paulo: Paulus, 1995.

JAEGER, Werner. *Paidéia*. A formação do homem grego. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MARROU, Henri-Irénée. *Histoire de l'éducation dans l'antiquité*. Paris: Editions du Seuil, 1955.

PLATON. La République in *Oeuvres Completes*. Paris: La Pléiade. Librairie Gallimard, 1950.

_____. Protagoras in *Oeuvres Completes*. Paris: La Pléiade. Librairie Gallimard, 1950.

_____. Cratyle in *Oeuvres Completes*. Paris: La Pléiade. Librairie Gallimard, 1950.

_____. Ménon in *Oeuvres Completes*. Paris: La Pléiade. Librairie Gallimard, 1950.

_____. Gorgias in *Oeuvres Completes*. Paris: La Pléiade. Librairie Gallimard, 1950.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. Volume I. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

ROMILLY, Jacqueline de. *Les grands sophistes dans l'Athènes de Péricles*. Paris: Editions de Fallois, 1988.

SABATO, Ernesto. *Cuando abunda el peligro, crece lo que salva*.
<<http://www.candidomendes.edu.br/Unidades/sabatot1.htm>> Acesso em 24 de abril de 2002.

SPINELLI, Miguel. *Questões Fundamentais de Filosofia Antiga*. São Paulo: Loyola, 2006.

VERNANT, Jean Pierre. *As origens do Pensamento grego*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.